

INTRODUÇÃO:

POPPER E A FILOSOFIA POLÍTICA

«os meus trabalhos no campo da lógica científica, v.g. da física, são tentativas de solução de problemas que se prendem com as nossas enfermidades sociais e políticas»

Karl Popper, Em busca de um mundo melhor, 2ª ed., Lx, Editorial Fragmentos, 1989, p.89.

O objecto deste trabalho é o pensamento e a obra de Karl Popper. Não se tratará, no entanto, de recensear os temas que ele aborda ou de, por qualquer estratégia hermenêutica e expositiva, dela proporcionar uma visão de conjunto. O nosso tema é a *Filosofia Política de Popper*, na sua especificidade e apenas em algumas das articulações fundamentais que a estruturam. Veremos adiante os aspectos que a nossa análise privilegiará. Mas como a produção filosófica de Popper não é - do ponto de vista quantitativo - sobretudo política, impõe-se, antes da abordagem do tema, explicar como ele surge e se configura numa vida intelectual longa e diversificada.

Karl Raimund Popper nasceu em Viena de Áustria, em 1902.¹ A geopolítica da Europa de então conferia a Viena um estatuto particular, como capital do Império Austro-Húngaro. Apesar da acelerada dissolução do Império - sob a pressão das nacionalidades - e da constante instabilidade política coetânea, a cidade dava mostras de uma pujança intelectual e artística que marcaria o século XX.²

O choque de povos, culturas e ideias, que Popper consideraria mais tarde - pensando na Grécia Antiga - imprescindível para o surgimento de uma atitude crítica, propiciava a inovação em ciências, filosofia, música, literatura, pintura e arquitectura. Mas outras clivagens, de carácter social e económico, obrigavam grande parte da população de Viena a uma existência miserável.

¹ Para os dados biográficos contidos nesta «Introdução», cf. UQ.

² Para uma descrição pormenorizada deste contexto, v. Allan S. Janik e Stephen E. Toulmin, Wittgenstein, Vienne et la modernité, Paris, P.U.F., 1978.

Ela impressionou Popper vivamente, quando era ainda criança.

Pertencendo a uma família da burguesia culta e liberal, Popper depressa se integrou num meio de grande curiosidade pelo saber, em que as questões filosóficas e políticas eram tema constante de debate. O pai, advogado de profissão e filantropo, alimentava interesses eruditos e possuía uma biblioteca principalmente orientada para a história e para a filosofia. Da mãe, herdou Popper o interesse pela música clássica, que terá contribuído para as suas reflexões filosóficas.³

Entre os amigos de Popper, consideravelmente mais velhos, desempenhava papel predominante Arthur Arndt, um socialista anti-bolchevique que o levava a excursões intelectuais promovidas pelos monistas de Viena⁴. Muitos destes amigos defendiam ideias pacifistas. Mas com a realidade da guerra, a pressão da opinião pública e a intimidação, as opiniões mudam. No entanto, Popper virá a convencer-se, ainda durante o conflito, da responsabilidade da Austria e da Alemanha, e da justeza da sua derrota.

As consequências da Primeira Guerra, com a crise económica, social e política, e o clima de guerra civil, continuam a marcar o quotidiano quando o jovem Popper deixa o liceu - por considerar o ensino aborrecido - e se matricula na universidade de Viena. Simpatizando inicialmente com o Partido Social-Democrata (marxista), converte-se à propaganda do pequeno Partido Comunista na Primavera de 1919.

Se, até agora, nos interessou simplesmente a formação da sensibilidade social e política de Popper, dá-se neste mesmo ano

³ Para esta questão, cf. UQ, pp. 53-72.

⁴ Os monistas de Viena formavam um clube intelectual, iniciado pelos alunos de Ernst Mach e Wilhelm Ostwald. V. UQ, pp. 12-13.

de 1919 um incidente biográfico marcante. Referido pelo próprio na sua «Autobiografia Intelectual» e em muitas outras ocasiões², ele assume o carácter de um símbolo. Como é sabido, um relato autobiográfico é sempre, em parte, uma invenção do passado, determinada por pontos de vista subsequentes. Por isso, para além do valor histórico-objectivo das impressões registadas por Popper, ocupa-nos o significado que elas revestem, por referência à sua obra. Ou seja, enquanto acontecimentos já incorporados no pensamento.

Alguns comunistas tinham sido presos na esquadra da polícia de Viena. Popper e os seus companheiros instigam jovens socialistas a manifestar o seu protesto, numa manobra de diversão para ajudar os presos a fugir. Mas a polícia abre fogo e faz vários mortos. Popper fica horrorizado e sente-se responsável.

Compreende que, para os marxistas, era necessário acelerar a luta de classes. As vítimas que daí adviriam seriam sempre em menor número do que as vítimas do capitalismo. Além disso, o seu sacrifício não seria vão: daria origem à revolução proletária e a uma forma mais justa de sociedade. Mas estas teses, apresentadas como certezas, estavam longe de inteiramente estabelecidas. A sua aceitação acrítica justificava, entretanto, a violência e o sacrifício de vidas humanas.

Popper apercebe-se assim do carácter dogmático do marxismo e de um mecanismo psicológico que obriga a cedências de carácter moral e intelectual. A solidariedade para com a causa e os que a defendem cerceia subrepticamente o espírito crítico e a autonomia da consciência. Se não for energicamente interrompido, o

² UQ pp. 33 e segg. V. igualmente, por exemplo, Karl Popper, «Ninguém sabe o suficiente para ser intolerante», Risco, nº 6, Verão 1987, pp. 53-54.

processo repete-se e acentua-se.

Definem-se deste modo, simultaneamente, o élan moral e o «núcleo duro» das concepções filosóficas de Popper. Tornado desde então anti-marxista, desenvolverá sempre os seus argumentos a partir da necessidade de uma atitude crítica que não resvale para o irracionalismo. Como o que o desapontamento com o marxismo lhe causou, por curto período.

Estas questões surgem, portanto, em contexto primeiramente político. É o problema da acção política e da possibilidade da violência que coloca o problema teórico da relação entre o dogmatismo e o espírito crítico. Mas Popper não publica as suas críticas ao marxismo de imediato, pois não quer contribuir para o enfraquecimento dos social-democratas austríacos, únicos defensores da democracia face ao crescendo do autoritarismo e, mais tarde, do nazismo. E permanecerá socialista até aos 30 anos, até concluir que «a liberdade é mais importante do que a igualdade; que a tentativa de chegar à igualdade põe em perigo a liberdade e que, perdida esta, aquela nem chega a implantar-se entre os não livres».⁶

Entretanto, outros aspectos de ordem teórica e histórica vieram reforçar o racionalismo crítico de Popper. O encontro com o marxismo foi a tomada de consciência da diferença fundamental entre o pensamento dogmático e o pensamento crítico. O conhecimento da psicanálise freudiana e da psicologia individual de Alfred Adler apenas reforçou essa consciência. Tal como «um marxista não abria um jornal sem encontrar em cada página provas que confirmavam a sua interpretação da história»,⁷ também não

⁶ UQ, p. 36.

⁷ CR, p. 35.

parecia ser possível encontrar qualquer comportamento humano que freudianos ou adlerianos não pudessem explicar. As suas teorias eram de tal forma maleáveis que explicavam os comportamentos mais divergentes. Longe de procurarem os erros dessas teorias, eles tendiam a ver em todos os acontecimentos a sua verificação.

No mesmo ano de 1919, assiste Popper a uma conferência de Einstein, em Viena. Diferentemente de Marx, bem como de Freud ou Adler, Einstein proclama a sua teoria insustentável, se dela não decorrerem certas consequências experimentais.⁹ Podia-se então pensar que, nesta abertura à refutação experimental, residia o status de cientificidade de uma teoria. O que relegava as acima referidas - marxismo, psicanálise, psicologia adleriana - para o campo da pseudo-ciência.

Se a importância da atitude crítica tinha surgido como o reverso da filosofia marxista da história e da política, pode agora Popper acrescentar uma conclusão de grande futuro na sua filosofia: a do carácter crítico da atitude científica. O que a caracterizava não era a afirmação da certeza mas, bem pelo contrário, a admissibilidade prévia da incerteza, inerente à refutabilidade dos enunciados.

Entretanto, contacta com o movimento operário vienense, do qual ficará sempre admirador. Tendo já trabalhado numa fábrica, experimenta também a asfaltagem de estradas; e completa, até 1924, o aprendizado do ofício de entalhador, que abandonará por considerar demasiado difícil.

Vivendo numa «casa de estudantes» improvisada, estuda a Crítica da Razão Pura e os Prolegómenos de Kant e frequenta, na Universidade, aulas de História, Literatura, Psicologia, Filoso-

⁹ V. CR, p. 36.

fia e, sobretudo, Física e Matemática. Mas só as duas últimas o entusiasma. Sonha então com «uma escola em que não fosse preciso estudar com o único objectivo de passar nos exames»⁹ e orienta o seu futuro nesse sentido.

Os estudos habilitam-no ao ensino primário. Mais tarde, qualificar-se-á para o ensino secundário de Matemática e Física, com uma tese sobre problemas de axiomatização em geometria. Exercerá o professorado antes de deixar a Áustria (v. p.11 infra). Entretanto, devido à falta de lugares docentes, torna-se assistente social junto de crianças abandonadas.

Em 1925, ingressa como aluno no Instituto Pedagógico anexo à Universidade de Viena e criado para auxiliar a reforma educativa. No Instituto, Popper realiza experiências que o convencem da inexistência de dados sensoriais puros e do erro do associacionismo. Este encarava a psicologia por analogia com o atomismo da Física. Os átomos do conhecimento seriam as sensações, correspondentes a «termos simples» que depois se associavam em «premissas», como na lógica aristotélica.

No entanto, conclui Popper, nós não pensamos em termos de imagens, mas de problemas prévios e tentativas para os solucionar. A este respeito, sofre a influência de Karl Bulher, que também o leva a reflectir sobre as funções da linguagem. Para Bulher são três - expressiva, comunicativa e descritiva - acrescentando Popper a função argumentativa. As teorias seriam sobretudo enunciados argumentativos que explicam dedutivamente, e não por «associação» de sensações.

O trabalho no Instituto Pedagógico levará Popper a uma tese de doutoramento, em 1928, «Sobre o Problema do Método da Psicolo-

⁹ UQ, p. 40.

gia do Pensamento». Tratar-se-ia apenas de uma introdução metodológica à sua investigação em Psicologia, mas que o deixa insatisfeito ao ponto de não ter voltado «sequer a olhá-la».¹⁰ Já na altura, considera necessário substituir o enfoque psicológico pela análise lógica da descoberta científica, que encara como a descoberta de um mundo real. Esta mudança de sentido permitiria fugir a todas as posições de tipo subjectivista ou mesmo solipsista. O «sentido de responsabilidade social» dizia a Popper que «levar a sério tais problemas [o subjectivismo e o solipsismo] equivalia a uma espécie de traição do intelectual»¹¹ entregue a meros passatempos teóricos.

Popper continua, entretanto, a desenvolver os seus interesses em torno da crítica a Marx e do problema da cientificidade das teorias. A clarificação de ideias posterior à defesa da tese, permite-lhe compreender o papel da indução como um processo de justificação das teorias científicas por recurso à experiência, de modo a demarcá-las da não-ciência. Mas o critério de demarcação já encontrado por Popper - convidando à refutação das teorias - levava a um processo dedutivo. Através de ensaios teóricos e descoberta de erros, o método científico poderia ser considerado dedutivo, progredindo para teorias de maior conteúdo e, portanto, resistentes a testes mais exigentes, embora mantendo o seu carácter conjectural.

Em 1923, tinha-se formado em torno de Moritz Schlick o Círculo de Viena, que reunia semanalmente para discutir questões de Filosofia das Ciências e viria a publicar o seu manifesto em 1929. Popper contacta alguns membros do Círculo, mas dele diverge

¹⁰ UQ, p. 78.

¹¹ UQ, p. 76.

nas suas teses fundamentais. Ou seja, o empirismo, e a utilização da análise lógica da linguagem para demarcar os enunciados científicos - dotados de sentido - dos enunciados não científicos e sem sentido.

Ora, para Popper, não é possível derivar enunciados teóricos a partir das observações, e a demarcação não pode ser feita com base no sentido dos enunciados, mas na possibilidade do seu falseamento experimental. São estas duas questões - a crítica da indução e a demarcação com base no critério da refutabilidade - e a sua inter-relação que constituem o tema de uma longa obra que Popper escreverá sob o estímulo de Herbert Feigl, membro do Círculo. Em Die Beiden Grundprobleme der Erkenntnis Theorie surgem as reflexões epistemológicas e metodológicas dos anos anteriores.

A solução de ambos os problemas depende, assim, da distinção fundamental entre pensamento dogmático e pensamento crítico.¹² é pela crítica das teorias estabelecidas, e não por uma distinção prévia de sentido, que a demarcação é possível. Por não a compreender desta forma, tinha sido necessário recorrer à indução para justificar o conhecimento científico. Mas a indução não é capaz de o fazer, porque nenhuma acumulação de dados pode levar à teoria. Por outro lado, a apreensão do mundo é sempre «teórica», podendo apenas evoluir para teorias mais elaboradas.

A obra de Popper é aceite para publicação numa colecção dirigida por Schlick e Philipp Frank. Mas a casa editora obriga a cortes que a reduzem a metade. O resultado é a Logick der Forschung, publicada em 1934. A obra completa só virá a ser editada em 1979.

¹² Há muito que Popper estaria perto de compreender esta ligação. Cf. UQ, pp. 52-53.

Entretanto, a Europa caminhava para o conflito. Popper compreende então a ameaça dos movimentos totalitários da Alemanha e Austria, e a incapacidade dos social-democratas para a enfrentar. Estando estes confiados na profecia marxiana da vinda do socialismo, associavam o fascismo ao último fôlego do capitalismo. Transformavam-se assim em duvidosos intérpretes da história, em vez de combatentes políticos determinados.

Toda esta questão tocava Popper em particular, pois os seus pais eram judeus, embora baptizados na igreja luterana. Na época, o anti-semitismo era explorado não só pelo Partido Nacionalista Germânico da Austria, mas também pelo Partido Cristão-Social. Popper condena todo o racismo e todo o nacionalismo, incluindo o judeu. Eles constituem um apelo aos nossos sentimentos tribais e à dissolução da nossa responsabilidade crítica.

Mas muitos judeus não compreenderam, ou não quiseram ter em conta, a possibilidade da exploração do universal sentimento de repúdio pelos estrangeiros. Comprometendo-se nos partidos de esquerda e no jornalismo contribuíram, segundo Popper, para o êxito do anti-semitismo das forças de direita.

Desde 1929 que Popper pressente a guerra e a anexação da Austria, considerando que, entre os políticos do Ocidente, apenas Churchill teria a mesma percepção. Mas continua o trabalho lectivo e intelectual, visitando a Inglaterra em 1935 e 36. Aí profere conferências e lê, num seminário de Friedrich von Hayek, o seu primeiro escrito político importante, de que falaremos no próximo parágrafo. Apesar de convidado para a Universidade de Cambridge, que dessa forma procura auxiliar os que necessitam de refúgio, prefere um convite para o Canterbury University College, em Cristchurh, Nova Zelândia, por se tratar de um trabalho

normal. Deixa Viena no início de 1937.

Encantado com o país, mas assoberbado por trabalho lectivo que pouco tempo lhe deixa para a investigação, continua ocupado sobretudo com questões epistemológicas especializadas. Reflecte sobre a Teoria das probabilidades e a Física quântica, temas que sempre despertaram o seu interesse. Quando, em Março de 1938, recebe a notícia do Anschluss, decide redigir em inglês The Poverty of Historicism, produto das reflexões que desenvolve sobre Marx desde 1919.

Popper não pretende apenas atacar as correntes marxistas, mas todos os que defendem que a História está determinística-mente do seu lado, o que denomina «historicismo». A dedicatória da obra - que será primeiro publicada na revista Economica, em 1944 e 45 - não deixa dúvidas sobre os destinatários da crítica: «Em memória de homens e mulheres, de todos os credos, nações e raças que, em número incontável, tomaram vítimas da crença fascista e comunista em Inexoráveis Leis de Destino Histórico.»¹³

Mas o livro trata, sobretudo, da incidência dessa crença e de outras que lhe são associadas (v. cap. II) na metodologia das Ciências Sociais. No seu conjunto, a obra é de difícil apreensão, já que a simplicidade da estrutura é completamente desmentida pelo desenvolvimento. Popper considera-a mesmo um dos seus trabalhos mais «indigestos».¹⁴

Ao procurar desenvolver a 10ª Secção de The Poverty of Historicism, Popper acaba por escrever um livro muito mais extenso e conhecido: The Open Society and its Enemies, completado em 1943 e publicado em 1945. Se o historicismo justifica os modernos

¹³ PH, p. [iv].

¹⁴ UQ, p. 114.

totalitarismos, há muito que está associado à defesa de políticas totalitárias. Popper ataca agora a tradição totalitária e historicista do pensamento ocidental, em especial Platão, Hegel e Marx. Opõe-lhe a tradição humanitária - que pode ser personificada em Sócrates - dos que defendem a sociedade «aberta», onde têm lugar a razoabilidade e a crítica.

Segundo nos parece, estas duas obras contêm a trajectória intelectual de Popper até agora delineada. Sempre orientado pela opção racionalista e crítica definida em 1919, procura aplicar às Ciências Sociais e ao pensamento social e político em geral, as ideias sobre as relações entre o pensamento dogmático e o pensamento crítico, que tinham conduzido à Logik der Forschung.

Num artigo de 1937 - «What is Dialectic?»¹⁵ - considerara que todo o pensamento humano evolui por tentativas e erros e que, quando este método é desenvolvido mais conscientemente, toma a forma do método científico, tal como fora defendido no seu livro sobre a lógica da investigação. Agora, ele é também o método das Ciências Sociais, e ainda o caminho único para a mudança social e a instauração de um mundo melhor, no respeito pela autonomia dos indivíduos.

Para Popper, a escrita destas obras deveu-se tanto ao seu desenvolvimento intelectual, como ao desenrolar da guerra e ao pacto Hitler-Estaline: «The Poverty e The Open Society foram o meu esforço de guerra».¹⁶

Outras investigações, nos domínios da Lógica e da História das Ciências, são prosseguidas por Popper, que recebe em 1945 um convite de Hayek para se transferir para a London School of

¹⁵ Agora em CR, pp. 312-335.

¹⁶ UQ, p. 115.

Economics and Political Science. Chega a Inglaterra no início de 1946, passando a ensinar e a fazer conferências. Critica os defensores da Filosofia da Linguagem, que não admitem a existência de problemas filosóficos genuínos, sobre o mundo, o conhecimento e nós próprios. No mesmo sentido, critica as epistemologias não-realistas, que considera «brinquedos de filósofos» cuja atracção é surpreendente após uma guerra tão devastadora.¹⁷

Visita os Estados Unidos em 1950, ficando impressionado pelo clima de liberdade que aí se vive, em breve interrompido pelo macartismo. O que fará Popper notar que uma ditadura se pode instalar em qualquer lado.¹⁸ Contacta na ocasião com vários pensadores, entre os quais Einstein.

Passa então a viver nos arredores de Londres, tranquilamente, sem rádio nem jornais diários, continuando a dedicar-se aos trabalhos de epistemologia. Apesar desta constituir o seu interesse principal, o nome de Popper, em Inglaterra, tinha ficado conhecido com a publicação de The Open Society. Empreende, por isso, a tradução da Logick der Forschung, que surgirá em 1959 com o título Logic of Scientific Discovery. Ao mesmo tempo, sobretudo entre 1951 e 56, escreve uma série de adendas que virão a constituir uma obra independente e muito mais volumosa: Post-Script: After Twenty Years. Problemas de saúde sobrevindos na altura da correcção das provas adiam indefinidamente a sua publicação. Conhecerá ainda várias alterações e será, finalmente, editada em 1979, em três volumes.

No Post-Script, Popper afirma a objectividade da crítica, a impossibilidade de justificar teorias e a possibilidade de as

¹⁷ UQ, p. 125.

¹⁸ UQ, p. 128.

criticar. Encara o aumento do conhecimento como aumento da verosimilhança e reafirma os limites da razão quanto à capacidade de previsão. Empreende também uma reflexão metafísica, insurgindo-se de novo contra o idealismo e o subjectivismo. Defende o realismo e indeterminismo da *physis*, que liga à liberdade humana. E desenvolve a ideia de «programas de investigação metafísicos» em Física. Embora Popper nunca tivesse negado a relevância ou o sentido da metafísica - ao invés do positivismo lógico - é nesta altura (anos 50) que ela começa a ocupar maior espaço nas suas obras.

Apesar da morosidade do Post-Script, o ritmo de produção de Popper não abrandou. Alguns dos trabalhos efectuados sobretudo desde o final da guerra, surgiram em 1963, em Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge. Por se tratar de uma recolha de textos, o livro não tem grande unidade, para além da que é sugerida pelo título. Popper aplica à epistemologia e à teoria do conhecimento, à história da filosofia, à lógica e ao estudo da linguagem, à filosofia política e à política, o método crítico, que procede por tentativas de resolução de problemas e tentativas de eliminação das soluções encontradas, o que conduz ao surgimento de novos problemas. Juntamente com The Poverty e The Open Society, esta é a obra mais relevante para o nosso tema. Inclui novas reflexões sobre o historicismo e o utopismo, a relação entre a epistemologia e o pensamento político, o racionalismo e o humanitarismo, a democracia e o liberalismo.

O recolhimento intelectual de Popper não impede que vários escritos políticos da década de 50 e princípios de 60, quer surjam ou não em Conjectures and Refutations, tenham a marca da rivalidade entre o Ocidente e o Leste, com a guerra fria e a

corrida aos armamentos. Popper procura mostrar a importância da liberdade individual (normalmente dita «formal») e a superioridade moral dos sistemas políticos que a garantem. Considera também que os sistemas pluralistas são mais favoráveis à paz, salientando que a grande vantagem que apresentam não advém da sua perfeição mas da sua perfectibilidade.

Noutros registos, o pensamento de Popper orientou-se progressivamente para aquilo a que chamou a teoria do «Mundo 3», i.e., os produtos da nossa mente (teorias, ideias), e para o enraizamento da sua epistemologia na teoria da evolução de Darwin, interpretada segundo o esquema das conjecturas e refutações. Estas questões surgem desenvolvidamente num conjunto de textos publicado em 1972: Objective Knowledge: an Evolutionary Approach. No mesmo ano, Popper aposenta-se como Professor da Universidade de Londres.

Os novos temas que a publicação de Objective Knowledge vem consagrar não correspondem propriamente a uma mudança de sentido do filosofar popperiano. Trata-se do alargamento do método das «tentativas e erros» para «baixo», i.e., para a evolução da vida, e para «cima», ou seja, para as produções culturais. A existência destas numa esfera exosomática alterna possibilita a detecção dos erros e a evolução do conhecimento e consagra um realismo metafísico pluralista, que engloba o Mundo 3 e os Mundos mental e físico.

Em 1974, são dedicados a Popper dois volumes pela «Library of Living Philosophers». Além de muitos artigos sobre Popper, eles incluem a sua «Intellectual Autobiography» - depois publicada em separado sob o título Unended Quest - e as «Replies to My Critics», que respondem a todos os autores que colaboram na obra.

Em 1977, Popper publica, em conjunto com o neurofisiólogo e Prémio Nobel da Medicina John Eccles, The Self and its Brain. Nesta obra, debruça-se sobre a relação mente-corpo, a partir das reflexões metafísicas dos anos anteriores acerca dos três Mundos - físico, mental e Mundo 3 - e da sua interacção. Diferencia o seu «trialismo» dos monismos e dualismos da Filosofia ocidental e procura realçar a importância dos produtos da mente humana, especialmente os linguísticos, na formação do «eu».

Na década de 70, nos poucos artigos ou entrevistas em que Popper retoma a defesa da sociedade aberta e a identificação dos seus inimigos, opõe-se à mudança revolucionária nas sociedades demo-liberais, então preconizada por movimentos sociais e intelectuais.¹⁹ Nos últimos anos, regressou aos temas políticos, ocupando-se de aspectos restritos decorrentes da teoria da democracia já exposta em The Open Society. Vários textos, dispersos no tempo e na temática, foram reunidos em Auf der Suche Nach Einer Besseren Welt, surgido em 1988.

* * *

Esta breve passagem pelo eixo diacrónico do pensamento de Popper, permite determinar o lugar histórico e teórico da génese da sua Filosofia Política: o conhecimento e recusa da prática e das ideias dos movimentos e regimes totalitários do sec. XX.

Foi pelo contacto inicial com a ideologia marxista e as suas consequências na acção política que Popper entreviu o valor do pensamento crítico. A questão política esteve pois na base das

¹⁹ V., a este propósito, a entrevista de Popper incluída em Revolução ou reforma? Uma confrontação, Lx, Moraes, 1974, pp. 7-8, 13-16, 33-44, 51-57, 59-60.

suas reflexões epistemológicas. Será mesmo possível conjecturar que esteve na base de toda a sua produção filosófica, se admitirmos a centralidade da noção popperiana de «crítica» nas várias vertentes do seu pensamento. Mas o nosso trabalho - já o dissemos - não aspira à visão da totalidade da Filosofia de Popper. Preferimos deixar tais caminhos em aberto para outra ocasião.

As reflexões que a análise do pensamento marxiano proporcionou foram-se entretecendo e enriquecendo com o pensamento epistemológico. Sobre o pano de fundo do crescendo do nacionalismo germânico e do nazismo, Popper desenvolveu uma reflexão propriamente política a partir do seu criticismo. Ela traduziu-se na análise e tentativa de refutação da metodologia historicista das ciências sociais, empreendida em The Poverty of Historicism.

Para combater os «Falsos Profetas» que, na história do pensamento ocidental, inspiravam o totalitarismo e a guerra, escreveu The Open Society. Nesta obra e nos escritos políticos posteriores, em Conjectures and Refutations, Auf der Suche e em tantos textos esparsos, insiste nas virtualidades do sistema liberal-democrático como o mais favorável a uma sociedade «aberta» e o mais apto para resistir aos seus inimigos; opondo-se, por isso, à subversão revolucionária desse sistema.

Entretanto, outros temas - sobretudo de índole cosmológica e metafísica - foram surgindo na obra popperiana. Através deles, Popper pôde reforçar argumentativamente as suas ideias políticas.

Abandonando agora a crono-lógica do pensamento de Popper - mas não esquecendo o problema político que o viu surgir - optamos pela seguinte lógica reconstrutiva:

Abordaremos os aspectos da sua Filosofia Política que nos parecem de maior importância. O nosso trabalho não aspira a

proporcionar uma visão exaustiva e sistemática desse «continente» da reflexão popperiana. Intentaremos tão só, e sem visar a obtenção de quaisquer resultados definitivos, esclarecer três aspectos limitados e que, para nós, se configuraram como outros tantos problemas: 1) em que medida e de que modo o racionalismo crítico de Popper esclarece a dimensão valorativa da Filosofia Política; 2) como procede Popper à desmontagem crítica do pensamento totalitário; 3) quais as ideias políticas do racionalismo popperiano.

Cada um dos três aspectos será apresentado num capítulo autónomo, de forma coerente, desenvolvida e argumentada, em função dos escritos publicados por Popper até hoje. Retomaremos assim as ideias de Popper a que esta «Introdução» aludiu, mas segundo nova ordem. Procuraremos ser fiéis ao texto e ao pensamento do nosso autor embora, seguindo a ideia da reconstrução, mais ao segundo do que ao primeiro. Não nos coibiremos de salientar pormenores pouco apercebidos, ou de estabelecer relações conceptuais pouco exploradas. Mas deixaremos sempre claro quando nos afastarmos especulativamente do texto popperiano. Nesta apresentação, sobressairá a especificidade da Filosofia Política de Popper que está, em nossa opinião, na diversidade de argumentos que mobiliza: lógicos, históricos, epistemológicos, cosmológicos, éticos.

Em cada um dos três pontos a tratar, tomaremos em conta alguma literatura crítica, na medida em que contribua para a explicitação reconstrutiva do pensamento popperiano. Todas as apreciações críticas serão devidamente assinaladas e, muitas vezes, ocuparão secções ou alíneas específicas dentro dos respectivos capítulos.

Por outro lado, os três aspectos referidos surgirão de forma articulada, cada um como um desenvolvimento a partir do(s) anterior(es), embora não como sua consequência necessária. A crítica ao pensamento totalitário - que abordaremos em II - é já feita a partir dos pressupostos do racionalismo. O severo ataque de Popper resulta pouco claro quando se não esclarece - como procuraremos fazer em I - o conjunto de valores e princípios inerentes à sua ideia de «razão». Os aspectos mais especializados da sua filosofia política, desenvolvem-se - como veremos em III - a partir desses valores e princípios e contra o pensamento totalitário.

Assim, involuntariamente, tomou este trabalho uma feição isomórfica da tríade dialéctica "Afirmção - Negação - Negação da negação". A afirmação inicial - o racionalismo crítico - é já a negação de uma afirmação anterior, - o problema político do totalitarismo do século XX. Por sua vez, a negação, o pensamento totalitário no seu conjunto, é sobretudo apresentado num movimento crítico: pela negação da negação, que estabelece a síntese dinâmica entre o positivo e o negativo na definição de uma política racional.

No Capítulo I, explicaremos o que Popper entende por racionalismo e caracterizá-lo-emos de um ponto de vista axiológico. Diferenciaremos o racionalismo crítico de outras formas de racionalismo e do irracionalismo. Confrontar-nos-emos então com a possível existência de elementos irracionais no racionalismo popperiano. Ultrapassaremos essa possibilidade recorrendo à formulação de um racionalismo «pan-crítico» por William Bartley. Veremos depois que o racionalismo popperiano se conjuga com teses relativas ao carácter conjectural objectivo das teorias e à sua

existência no Mundo 3. A valorização popperiana da Ciência surgir-nos-á então como consequência do racionalismo crítico, e em polémica com Thomas Kuhn. Depois, confrontaremos o racionalismo de Popper com a Dialéctica e referir-nos-emos à polémica com Theodor Adorno e Jurgen Habermas (voltaremos a ela no cap. III). Por último, veremos como Popper historia o surgimento do racionalismo em geral e do racionalismo crítico em particular, ligando este à sociedade «aberta».

Neste primeiro capítulo, seremos obrigados a lidar com muitos aspectos gerais do pensamento de Popper. No entanto, não os explicaremos detalhadamente como aspectos autónomos, embora isso pudesse ser feito noutra contexto. Eles só nos interessarão na medida em que esclareçam a dimensão valorativa do racionalismo crítico, cujas consequências teóricas a Filosofia Política de Popper equacionará.

No Capítulo II, faremos a ligação entre a tradição totalitária e a nostalgia da sociedade «fechada», confrontando-as com o pensamento da sociedade «aberta». Identificaremos o aparato conceptual básico utilizado pelo pensamento totalitário, abordando as noções de organicismo social, historicismo e utopismo. Veremos depois os reflexos dessas ideias na teoria do método das ciências sociais. Explicaremos então a crítica popperiana, sobre bases valorativas e teóricas (lógicas, metafísicas, epistemológicas e metodológicas), dos instrumentos conceptuais do pensamento totalitário. Terminaremos reflectindo sobre esta análise do totalitarismo, confrontando-a brevemente com outras.

A análise popperiana do totalitarismo é mais usualmente explicada através da sua crítica de Platão, Hegel e Marx. Não é o que faremos. Faltar-nos-ia para tal a competência, se a mais não

nos faltasse o tempo e a oportunidade. Para compreender a Filosofia Política de Popper, é necessário determinar o modo como ela se revela quando procede a refutações. Mas não aferir da sua justiça na interpretação desses e outros autores. Sendo embora perfeitamente legítimo, abordar Popper enquanto historiador da filosofia não toca, segundo nos parece, no essencial.

A leitura popperiana desses filósofos é reconhecidamente parcial. Procura salientar apenas os aspectos totalitários do seu pensamento e refutá-los, mais do que analisá-los com espírito colaborante. O mesmo é dizer que Popper não faz em relação a esses autores o que nós fazemos em relação a Popper. Não trabalha o seu texto a partir de «dentro», mas através da aplicação de chaves interpretativas - a ideia de «pensamento totalitário» e as suas «teorias-suporte» (organicismo, historicismo, utopismo) - previamente consideradas. Assim, na reconstrução do pensamento político de Popper, o tratamento dos pensadores totalitários interessar-nos-á apenas para exemplificar; não para explicar.

No Capítulo III, exporemos as conjecturas políticas de Popper. Explicaremos a coalizão entre o seu activismo, o enfoque tecnológico nas ciências sociais e a engenharia social gradual. Enfrentando algumas críticas - especialmente a de Herbert Marcuse e dos frankfurtianos - questionar-nos-emos sobre o conservadorismo de Popper. Estabeleceremos a possibilidade da conexão entre a engenharia social gradual, o humanitarismo e o que Popper designa por «utilitarismo negativo». Traçaremos os limites deste último, tendo em conta a crítica de Bryan Magee. Abordaremos a teoria da democracia, os paradoxos da democracia e da soberania e as questões da revolução política e da reforma das instituições democráticas. Reflectiremos depois sobre eventuais insuficiências

da teoria popperiana da democracia, antes de passar à exposição da teoria proteccionista do Estado e dos paradoxos da liberdade e do planeamento estatal. Procuraremos de seguida esclarecer o liberalismo de Popper e o seu optimismo teórico. Finalizaremos com uma reflexão sobre o eventual carácter ideológico das ideias políticas de Popper.

No final de cada capítulo, intentaremos concluir, respondendo de forma directa e linear às três questões que constituem o ponto de partida da lógica reconstrutiva.

Por último, à guisa de «Inconclusão», reflectiremos sobre a ideia popperiana de Filosofia Política que a nossa reconstrução configura. Como o título indica, essa parte do nosso trabalho projecta-o para domínios que ele de todo não engloba.